

HEGEL E A FILOSOFIA FRANCESA

Henrique C. de Lima Vaz
CES — BH

GWENDOLINE JARCZYK — PIERRE-JEAN LABARRIÈRE, *De Kojève à Hegel: cent cinquante ans de pensée hégélienne en France*, Paris: Albin Michel, 1996.

Os dois autores desse livro são bem conhecidos dos estudiosos de Hegel na França e no exterior. Em primeiro lugar, como tradutores eméritos da *Ciência da Lógica*, em três volumes (1972-1981), da *Fenomenologia do Espírito* (1993) e como colaboradores na tradução das *Notas e Fragmentos (1803-1806)*, em 1991. Em segundo lugar como comentadores e intérpretes da obra hegeliana, seja em conjunto (assim na preciosa coleção de artigos, sob o título *Hegelianas*, PUF, 1986), seja cada um com sua contribuição original, G. Jarczyk com seu importante *Système et liberté dans la Logique de Hegel* (Aubier, 1980) e P.-J. Labarrière com duas obras hoje clássicas, *Structures et mouvement dialectique dans la Phénoménologie de l'Esprit de Hegel* (Aubier, 1979, 1988) e *Introduction à une lecture de la Phénoménologie de l'Esprit de Hegel* (Aubier, 1979, 1987). Atualmente os dois ilustres estudiosos se dedicam à tradução da obra alemã do Mestre Eckhart, da qual o 1o. volume (*Les Traités*, Albin Michel 1996) acaba de ser publicado.

Difícilmente, pois, poderíamos encontrar alguém mais bem preparado para tratar o tema da obra que estamos apresentando do que Mme. Jarczyk e P.- J. Labarrière. Na verdade, o título escolhido mostra que a intenção dos AA. não é estritamente *histórica*. Trata-se de percorrer 150 anos — da morte de Hegel (1831) à morte de Eric Weil (1977) — de *pensamento* hegeliano na França. Portanto, não apenas da recepção da obra do filósofo alemão no mundo filosófico francês, mas sobretudo da sua influência e das interpretações a que deu lugar. Dado o fato de que boa parte do conhecimento de Hegel entre nós foi alcançada pela mediação das leituras francesas da sua obra, é fácil compreender o interesse que um livro como este pode ter para o leitor brasileiro.

Uma importante introdução (pp. 9-15) desenha as perspectivas teóricas dentro das quais se desenvolverão as reflexões histórico-críticas dos AA. a propósito do hegelianismo francês. Contra a tirania de um lugar-comum historiográfico, Jarczyk e Labarrière dão início ao seu estudo reivindicando, bem hegelianamente, a legitimidade de um “sistema do Espírito” e fazendo um elogio do “pensamento aberto”. Só depois é traçado o horizonte da recepção da obra de Hegel na França.

Como é notório, não obstante a fama que cercou o nome de Hegel a partir do seu professorado em Berlim, a penetração da obra do filósofo no meio universitário francês se deu com extrema lentidão. Hegel foi amigo de Victor Cousin, o corifeu da filosofia francesa na primeira metade do século XIX. Mas nenhuma afinidade podia existir entre o espiritualismo eclético do mestre francês e o rigoroso sistema hegeliano. A filosofia francesa no século XIX foi dominada primeiro pelo ecletismo cousiniano, depois pelo positivismo de um lado e pelo idealismo de tipo kantiano de Charles Renouvier e do idealismo espiritualista dos fins do séculos e primeiras décadas do século XX, de outro. A essas vieram juntar-se, nesse último período, a poderosa influência do bergsonismo e a florescente neo-escolástica com um E. Gilson e um J. Maritain. Apesar das meritórias traduções de A. Vera em meados do século passado e de interpretações isoladas como as de George Noël e Lucien Herr no começo do século, apenas a partir da década de 20 começou a formar-se aquela que pode ser dita a vertente hegeliana do pensamento francês. Segundo nossos AA. ela foi obra, inicialmente, de quatro estudiosos de primeira plana: o russo emigrado A. Koyré que estudou em particular as particularidades da língua hegeliana e a importância da evolução do pensamento hegeliano em Iena; Jean Wahl, cujo livro bem conhecido sobre a “consciência infeliz” (1929) abriu o ciclo do predomínio da *Fenomenologia do Espírito* na leitura francesa dos textos de Hegel; A. Kojève, outro russo emigrado, mas de formação alemã como Koyré, cujas famosas lições no *Collège de France* (1933-1939) sobre a *Fenomenologia*, dadas posteriormente a conhecer em livro publicado por R. Queneau (1947), marcaram decisivamente a orientação do

hegelianismo francês nos anos do imediato pós-guerra; e, finalmente, J. Hyppolite, um dos ouvintes de Kojève, cuja tradução, a primeira completa em francês da *Fenomenologia* (1941), e o exaustivo comentário histórico-crítico dessa obra (*Génèse et structure de la Phénoménologie de l'Esprit* de Hegel (1946), cuja tradução em português por um grupo de pós-graduandos em Filosofia da USP está em vias de publicação), passaram a ser referências obrigatórias para os estudiosos franceses de Hegel. De 1941 (data convencional escolhida pelos AA., marcada pela tradução da *Fenomenologia*) até hoje o hegelianismo francês conhece uma fase de intensa produção, que acompanha os avanços da pesquisa, a voga e a difusão do pensamento de Hegel na sua pátria de origem (pp. 31-36).

O livro de Jarczyk-Labarrière, na sua intenção histórico-teórica, concentra-se, de fato, na análise e interpretação daqueles que os AA. consideram os “três momentos” (pp. 39-40) nodais na evolução recente do hegelianismo francês, marcados pelos nomes de Jean Wahl, Alexandre Kojève, Eric Weil. O estudo desses três autores ocupa a maior parte do livro (pp. 41-216).

O “momento” Jean Wahl é assinalado por duas direções fundamentais da leitura hegeliana de Wahl: 1. A interpretação do hegelianismo a partir da categoria de “consciência infeliz”, tal como aparece na *Fenomenologia do Espírito*. Sem negar a pertinência das análises de Wahl dentro de limites bem definidos, os AA. chamam a atenção para a inflexão que Wahl impõe à significação dessa categoria, e que não corresponde ao movimento dialético da *Fenomenologia* e à intenção de Hegel, nela realçando sobretudo um certo romantismo e cristianismo latentes e um traço de “desrazão” manifestada na “ironia” de que se alimenta. A leitura parcial de Wahl é atestada, de resto, pela tradução surpreendentemente incompleta que ele propõe dessas páginas de Hegel em Apêndice ao seu livro e que Jarczyk-Labarrière comentam (pp. 42-43). 2. A versão de um Hegel *filósofo da existência* que Jean Wahl discute em vários textos do pós-guerra aparece mais paradoxal, sobretudo no clima do existencialismo então reinante. A cautelosa conclusão dos AA. (pp. 58-59) mostra-nos, afinal, a ambigüidade que paira sobre o “momento” Jean Wahl na história recente do hegelianismo francês.

A Alexandre Kojève, sem dúvida o “momento” mais importante aos olhos dos AA. em termos de influência, são dedicados três capítulos (pp. 61-177). O estudo se abre com a publicação da correspondência trocada em 1948 entre Kojève e Tran-Duc-Thao, respeitado filósofo marxista da época. Vale dizer que sobre essa leitura de Hegel e sobre toda a literatura que a acompanhará projeta-se a enorme sombra de Marx, o que determinará em grande parte seu clima e suas condições. Com efeito, é em torno do sentido de uma interpretação *materialista* da *Fenomenologia*, pressuposto este aceito sem discussão, que se desenrola-

rão os lances do “momento” kojéviano do hegelianismo francês. A divergência entre Kojève e Thran-Duc-Thao estabelece-se, de fato, em torno do problema da relação homem-natureza: o antropologismo radical de Kojève privilegia nela a iniciativa criadora do homem, ao passo que Thran-Duc-Thao, obedecendo ao postulado do materialismo dialético, dá primazia à procedência natural do homem.

É a partir da opção antropológica ou, mais exatamente, do *antropoteísmo* ou gênese do deus-homem como chave de leitura da *Fenomenologia*, que Kojève organiza sua interpretação de Hegel em torno de três temas fundamentais que Jarczyk-Labarrière estudam nos três capítulos a ela dedicados: a dialética senhor-escravo, o fim da história e o ateísmo. Três estudos que, de resto, ultrapassam de muito, pela sua riqueza documental e doutrinal, a simples exegese literal dos textos kojévianos.

Os AA. estavam bem preparados para discutir a célebre leitura que Kojève propõe da figura do Senhorio e da Servidão na *Fenomenologia*, tendo publicado um excelente comentário dessas páginas de Hegel: *Les premiers combats de la reconnaissance. Maîtrise et servitude dans la Phénoménologie de l'Esprit de Hegel*, Paris, Aubier-Montaigne, 1987. O estudo que aqui lemos divide-se em duas partes: “Senhor e servo cinquenta anos depois de Kojève” e “O estatuto lógico da alteridade”. Na primeira Jarczyk-Labarrière mostram como a extensão universal e a função de certo modo fundadora do universo sócio-político que Kojève, retomando em grande estilo uma intuição de Marx, atribui à por ele denominada “dialética Senhor-Escravo”, extrapola de muito a intenção de Hegel e o lugar dessa figura na estrutura do discurso da *Fenomenologia*. A começar pela tradução, depois vulgarizada, de *Knecht* por “escravo”, quando o exato seria “servo”, com um matiz de relação de reconhecimento muito mais acentuado. O título desse primeiro estudo sobre Kojève, “Reconhecimento e alteridade” mostra que a intenção dos A.A. dirige-se justamente a recolocar a figura do Senhorio e da Servidão dentro do movimento lógico geral da *Fenomenologia* e, sobretudo, a lê-la na perspectiva do Saber absoluto, fora da qual o discurso fenomenológico deriva para o arbitrário e o incoerente. Em particular a parte final do estudo (pp. 83-96), sobre o estatuto *lógico* da alteridade, mostra a necessidade de um recurso à *Ciência da Lógica*, mediação estrutural do Sistema, sobretudo ao momento lógico da “reflexão” na Lógica da Essência, para que seja plenamente fundamentada a dialética da “independência” e “dependência” da consciência-de-si (ou, como os A.A. traduzem, da sua “autostance” e “inautostance”), sobre a qual se articula a dialética do Senhorio e da Servidão.

O problema do “fim da História” (é sabido que Kojève introduz esse tema de sensação na filosofia francesa, atribuindo a Hegel a datação exata do “fim da História” em 1806, quando Napoleão põe fim ao Império Romano-Germânico; Kojève reafirma sua convicção em entrevista de 1968 a Gilles Lapouge, que os AA. reproduzem pp. 98-101),

oferece a oportunidade para um amplo estudo sobre a noção filosófica de *fim*, e sua presença na *Lógica* hegeliana, quando intervêm a idéia de *totalidade* ou de *círculo*, essencial para a compreensão da processualidade lógica e para as relações entre lógica e liberdade.

Finalmente, o problema do ateísmo conduz os AA. àquela que é, provavelmente, a raiz da interpretação kojéviana, ou seja ao ateísmo especulativo atribuído a Hegel como pressuposto do seu antropoteísmo histórico. A questão é posta a partir do diálogo entre um dos mais brilhantes ouvintes de Kojève no curso do *Collège de France*, o jesuíta Gaston Fessard, e o próprio Kojève. Os AA. reproduzem a recensão, não publicada na época e reproduzida em apêndice à publicação recente da correspondência Fessard-G. Marcel, que Kojève redigiu sobre os dois livros de Fessard, *Pax Nostra: examen de conscience internationale* (1936) e *La main tendue? Le dialogue catholique-communiste est-il possible?* (1937). A alternativa teísmo-ateísmo é aí reconhecida como o fundo do problema. Os A./A. se propõem então a retomar em três estudos substanciais os temas-chave dessa questão fundamental: I. O Deus de Hegel; II. Religião e política em Hegel; III. Hegel e a Revolução francesa. São três estudos que vão muito além do simples confronto com Kojève, e oferecem, de fato, a propósito de três tópicos clássicos na literatura em torno de Hegel, ao lado de uma rica informação, elementos preciosos de uma reflexão respeitosa da complexidade dos textos hegelianos.

O terceiro grupo de estudos é dedicado aos chamados “problemas hegelianos” de Eric Weil. Trata-se de uma das mais importantes figuras da filosofia francesa contemporânea, não somente pela originalidade do seu pensamento, mas também pelas contribuições decisivas que ofereceu à historiografia filosófica, em particular ao estudo de Aristóteles, Kant e Hegel. J.-P. Labarrière e G. Jarczyk ocupam-se respectivamente dos “problemas hegelianos” de Weil e da importante questão das relações, em Hegel, da “necessidade” e da “liberdade”. Labarrière, depois de lembrar a importância do hegelianismo para Weil, como sendo a “última das grandes filosofias”, detém-se na discussão da categoria do Absoluto que representa na weiliana *Lógica da Filosofia* o sistema de Hegel (pp. 184-193). Já Jarczyk, cuja tese de doutorado versara exatamente sobre o Sistema e a liberdade na *Lógica* de Hegel, retoma a questão em páginas de extrema densidade (pp. 195-216), em que os três conceitos de “contingência”, “necessidade” e “liberdade” são estudados na sua original articulação hegeliana, na qual a necessidade *suprassume* (sem anulá-la, portanto) a contingência e com ela a liberdade, realizando uma síntese, que surpreende pela sua audácia especulativa, entre os dois paradigmas classicamente opostos de uma filosofia da necessidade e de uma filosofia da liberdade. Em referência a Weil e a outros intérpretes autorizados, tal a perspectiva de compreensão que Jarczyk nos oferece, a partir sobretudo de uma releitura da *Lógica*, do tão discutido problema da natureza do Sistema hegeliano.

A Conclusão desse livro importante, sob o título esclarecedor “O Saber absoluto não é o absoluto do saber” (pp. 217-230), reexamina a célebre figura (e *suprassunção* de todas as figuras, pp. 218-223) que termina o itinerário da consciência na *Fenomenologia* e que, sob a influência de Kojève ao caracterizá-la erradamente como um “absoluto do saber”, deu margem a diversas interpretações que não se podem caracterizar senão como fantasistas, mas foram recebidas acriticamente no âmbito da vulgarização historiográfica. Os A./A. realizam um meritório esforço de exegese cuidadosa do texto hegeliano do difícil VIII capítulo da *Fenomenologia*, acompanhando passo a passo o seu desenvolvimento (pp. 223-228), para mostrar o sentido exato que a expressão “Saber absoluto” recebe nessas páginas, bem distante de uma mítica absolutização do Saber e designando bem mais modestamente a convergência das figuras anteriores na reconciliação da *certeza* e da *verdade* como terreno onde torna-se possível o desenvolvimento da dialética do *pensar* puro, ou a Lógica.

O ter exorcizado, esperemos que definitivamente, da historiografia filosófica francesa a imagem do Hegel dogmático e totalitário, fazendo surgir em seu lugar o filósofo do “pensamento da liberdade” nos quadros de um Sistema estruturalmente “aberto”, é esse sem dúvida o mérito maior da leitura hegeliana de Jarczyk-Labarrière.